



Fotos de Helô Sant'Ana

A Bahia é ali; três pequenos botecos de um lado, uma igreja simples de Nossa Senhora da Guia do outro e gente circulando para cima e para baixo. É assim a entrada da vila, que lembra as pequenas cidades baianas

Origem

# Migrantes criam 'vilas baianas' em morros

**Anualmente, mais de três mil migrantes passam pelo posto de atendimento da Rodoviária**

ELAINE SILVA

Após o difícil acesso por causa da quantidade de degraus, já se pode perceber que a Bahia é ali. "João Baiano, estão te chaman-

Estado dentro da capital capixaba. As chamadas "vilas baianas" existem também nos morros Jesus de Nazareth, Morro do Macaco e outros. O gueto é o ponto do morro que mais concentra baianos, o que não quer dizer que em outras partes também não existam baianos. Eles são muitos, assim como os mineiros. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 14,54% da população capixaba é composta por mineiros e 11,08% por baianos.

Só no Posto de Atendimento

mã; amigos e outros parentes acabam vindo atrás e, por isso, eles moram perto. As vilas baianas já viraram sub-bairros dos morros. É só chegar em qualquer um deles e perguntar onde elas estão que todos sabem".

## "Mainha"

Morador do Jaburu desde a fundação do morro, o líder comunitário Antônio Leal revela que 70% dos moradores da região são da Bahia. "Essa invasão começou mesmo na década de 60 quando as fazendas de café e

esperança trouxe Wandinho Viana de Abreu, 25 anos, há cerca de cinco anos, da localidade de Me-deiros Neto, próximo à Teixeira de Freitas, no Sul da Bahia, para o morro do Jaburu, em Vitória, onde a irmã mora. "Graças a Deus aqui consegui trabalho, como carpinteiro, mas mainha morre de saudades e vou lá todo ano visitar ela", diz Wandinho. Para a saudade não apertar demais, o carpinteiro se torna pintor nas horas vagas e a pequena sala já está repleta de quadros. O tema é sempre o mesmo: pintar sua terra, a roca

## 'Pelo menos tenho meu canto', diz Maria de Fátima

As argolas e os colares de pérolas mostram o que é que a baiana tem. A manicure Maria de Fátima Lauriano Ricardo, que veio de Posto da Mata, na Bahia, tem em sua história de vida o exemplo da trajetória dos migrantes baianos e mineiros, que saem de suas cidades, a maioria do interior e, pobres, buscam uma nova vida. Com dois filhos, pela segunda vez a baiana tenta viver em Vitória e, agora, apesar de não ter tantos clientes no salão onde começou a trabalhar semana passada, se sente mais feliz: "Consegui o meu cantinho, tenho isso aqui, antes não tinha nem um lugar para morar e vivia com meus filhos perambulando em casa de famílias".

O "cantinho" de Fátima, ela faz questão de manter muito bem arrumado. Ao conversar com a reportagem de A GAZETA, ela dava a faxina na casa, tentando deixar brilhando os poucos móveis da pequena casa de três cômodos.

"A gente luta para ficar bem, agora estou com um coroa aí, mas é difícil viver junto, você sabe né? Mas o que me irrita mesmo são estes ratos, que já estão começando a invadir a minha casa à noite, não me deixando nem dormir direito", relata ela, com a simplicidade de quem está disposta a abrir seu coração ao pri-

meiro que esteja disposto a uma boa conversa.

A peregrinação de Fátima começou cedo, há cerca de 11 anos, quando saiu pela primeira vez da casa de seus pais, em Posto da Mata, para tentar a sorte na cidade grande. "Eu vim, engravidei do meu primeiro filho, não tinha onde tê-lo porque não tinha casa e, na viagem de volta, acabei parando em Pedro Canário, pois não ia agüentar chegar em casa", conta ela, que da primeira vez morou cinco anos em Vitória. Quando chegou na casa dos pais, ficou por um ano e meio e resolveu novamente tentar a sorte na capital capixaba.

"Voltei e já estou aqui há quase cinco anos. Tive outro filho e, como já te falei, as coisas estão melhores. Nunca tive nada e agora consegui o que é meu", refere-se ela novamente ao seu cantinho. Maria de Fátima terminou recentemente o curso de manicure, já está sentindo na pele que o mercado não está fácil e admite até mesmo voltar a tentar algum trabalho como doméstica. "Não volto mais, pois sei que lá está pior, estou disposta a tudo para manter meus filhos aqui, na escola, como estão, e em nossa casa", fala, segura, mostrando que o estereótipo da preguiça baiana ficou bem longe, lá na roça de Posto da Mata.





## Sam pelo posto de atendimento da Rodoviária

ELAINE SILVA

Após o difícil acesso por causa da quantidade de degraus, já se pode perceber que a Bahia é ali. “João Baiano, estão te chamando”, grita uma pessoa com o sotaque que denota a origem. No topo do morro do Jaburu, está ela, mais conhecida como “vila baiana”. Três pequenos botecos de um lado, uma igreja simples de Nossa Senhora da Guia do outro e gente circulando para cima e para baixo. É assim a entrada da vila, um cenário que lembra as pequenas cidades do interior baiano, onde as pequenas vendas, a cachaça e o forró dão o tom de alegria a um povo sofrido que busca uma vida melhor.

Não é só o topo do Jaburu que já se tornou uma mostra de outro

caco e outros. O gueto é o ponto do morro que mais concentra baianos, o que não quer dizer que em outras partes também não existam baianos. Eles são muitos, assim como os mineiros. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 14,54% da população capixaba é composta por mineiros e 11,08% por baianos.

Só no Posto de Atendimento ao Migrante (PAM), que a Prefeitura de Vitória mantém na Rodoviária, das 2.559 pessoas que vieram de outros estados este ano, 622 são de Minas Gerais e 461 da Bahia. Mas, segundo a secretária de Ação Social de Vitória, Wânia Malheiros, o número de migrantes é muito maior, pois muitos não passam pelo posto, vindo morar em casas de parentes que já residem em Vitória. O prefeito de Vitória, Luiz Paulo Vellozo Lucas, disse ter conhecido as vilas baianas em tempos de campanha. “Normalmente vem primeiro uma pessoa e depois a ir-

morros. É só chegar em qualquer um deles e perguntar onde elas estão que todos sabem”.

### “Mainha”

Morador do Jaburu desde a fundação do morro, o líder comunitário Antônio Leal revela que 70% dos moradores da região são da Bahia. “Essa invasão começou mesmo na década de 60 quando as fazendas de café e cacau da Bahia entraram em decadência”, conta ele. O relato de seu Antônio Leal, que não precisa ser historiador para saber desta realidade, traduz a vida do mineiro Aurelino Gregório dos Santos, 70 anos, e da baiana Florides Pereira da Conceição, 68 anos, que vieram das fazendas baianas por causa da crise na produção. “Meu véio não agüenta mais trabalhar e nós tivemos que vir para cá, onde pelo menos ele se aposentou”, revela Florides, e suas rugas mostram uma vida de muito trabalho e sofrimento.

Essa mesma falta de trabalho e

de Freitas, no Sul da Bahia, para o morro do Jaburu, em Vitória, onde a irmã mora. “Graças a Deus aqui consegui trabalho, como carpinteiro, mas mainha morre de saudades e vou lá todo ano visitar ela”, diz Wandinho. Para a saudade não apertar demais, o carpinteiro se torna pintor nas horas vagas e a pequena sala já está repleta de quadros. O tema é sempre o mesmo: pintar sua terra, a roça de onde saiu e onde deixou a mainha e o painho.

Há quem chegou no morro há pouco mais de um ano. O som do forró convida a uma entrada no barraco de Natalino Jesus da Silva, baiano de Ilhéus, que faz do pequeno cubículo a casa e uma venda improvisada. Mesmo apertado, duas dançarinas de forró bailavam ao som do ritmo e ao sabor das cachaças preparadas por Natalino. “Tenho minha mãe lá, mas está muito ruim de conseguir trabalho e aqui vou ficando”, diz ele, na calma e paciência que caracterizam o bom baiano.



Animacão

O som do forró convida a uma entrada no barraco, uma mistura de casa e venda

# Recém-chegados são cadastrados

No Posto de Atendimento ao Migrante (PAM) localizado na Rodoviária de Vitória é feito um cadastro de todos os recém-chegados ao Estado. Lá é revelado o perfil de um migrante desempregado, na idade economicamente ativa e que não possui nem mesmo o primeiro grau. Dos 2.559 migrantes que passaram pelo posto, este ano, 38,76% tinham estudado somente até a 4ª série, 31,61% completaram o primeiro grau e 19,65% eram analfabetos.

Os dados, segundo a chefe da Divisão de Atendimento Social, Sônia Maria da Silva Balestreiro, refletem a situação em que estão os moradores dos morros da Capital. “A maioria das pessoas chega para tentar um futuro melhor e até se estabelecer; quando conseguem isto, acabam invadindo áreas de risco ou até mesmo indo parar nas ruas”, disse.

O trabalho feito no posto de atendimento é para tentar evitar o crescimento desordenado de migrantes na cidade, aumentando ainda mais o número de desempregados. Segundo Sônia, o migrante tem uma semana para conseguir trabalho, ficando hospedado no albergue da própria prefeitura. Caso não consiga, ele recebe uma passagem de volta para seu local de origem paga pela prefeitura. “É claro que, em alguns casos, a pessoa acaba ficando mais

tempo porque a assistência social percebe que ela realmente ainda não tem condições de conseguir uma casa para morar”, falou. Para não incentivar a migração, o posto só fornece a passagem uma vez ao migrante e, caso

ele volte, não terá nova chance.

A secretária de Ação Social, Wânia Malheiros, explicou que são diferentes os tipos de migração que a Capital recebe. “Os que passam pelo posto de migrantes normalmente não têm família no

Estado e chegam aqui sem eira nem beira atrás de trabalho”, revela. Segundo ela, as “vilas baianas” foram fundadas pelos dois tipos de migrantes, tanto os que chegam sem rumo, como aqueles que vêm atrás de familiares.



Trajatória

Colar de pérolas, argolas como brincos; o que que a baiana tem? Tem vontade de viver, de criar os filhos, e não voltar para Posto da Mata, de onde veio

## PMV quer limitar ocupação nos morros

O grande número de migrantes que chega todos os anos a Vitória reflete diretamente na ocupação desordenada na cidade, principalmente nos morros. “O surgimento das vilas baianas nos mostra que precisamos ter um controle maior, porque cada vez mais se ocupam áreas de risco, de interesse ambiental, com casas infra-estrutura e saneamento”, revela o prefeito da Capital, Luiz Paulo Vellozo Lucas.

Este controle já vem sendo feito por meio do Projeto Terra, que prevê a urbanização dos morros, dando condições melhores de vida para cerca de 73 mil moradores. A prefeitura possui escritórios instalados em cada região, onde os líderes comunitários discutem o que deve ser feito. O passo mais complicado, ad-

mite a secretária de Ação Social, Wânia Malheiros, é a delimitação e controle da desocupação desordenada. “Enquanto o projeto não estiver totalmente implantado, vamos lidar constantemente com este problema”.

No total, 35 bairros receberam intervenções do projeto. No Jaburu, próximo à “vila baiana”, passará uma estrada e muitas famílias terão suas casas desapropriadas. A coordenadora do Jaburu, Nély Rabelo, explica que não houve problema de negociação, pois é um desejo antigo do bairro a construção de uma via de acesso, que não seja pelas tortuosas escadas. Segundo ela, todas as famílias serão deslocadas para unidades habitacionais construídas pela prefeitura dentro do próprio morro.